



A actriz Sylvés que representará no Theatro da Republica com a companhia de Marthe Regnier

303 Lisboa, 11 de Novembro de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAHIA:

Anno, 4800—Semestre, 2500—Trimestre, 1250

*Ilustração*  
**PORTUGUEZA**

Edição semanal do Jornal O SEculo

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS  
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRACA  
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Com  
posição e Impressão: Rua DO SEculo, 43



## Os conselhos do dr. Fried

(3.º)

(N'UMA CARTA A UM AMIGO)

... Á CERCA DA TUA FILHA, PORÉM NÃO TE ASSUSTES, PORQUE É PROPRIA DA EDADE A FRAQUEZA DE PEITO QUE ELLA SENTE.

NÃO TE ASSUSTES E DÁ-LHE

# Guayacose



QUE É O MELHOR REMEDIO QUE EU POSSO RECOMMENDAR  
PORQUE AO PODER DESINFECTANTE DO GUAYACOL REUNE  
A BENEFICA ACÇÃO DA SOMATOSE LIQUIDA.



# A EXPIAÇÃO!

## O JULGAMENTO DOS PRESOS POLITICOS



1—O juiz sr. dr. Pereira da Mota

Começaram em 28 de novembro os julgamentos dos implicados nas tentativas de monarquicos, sendo o primeiro réu Joaquim Augusto de Almeida, secretario do lavrador Paulino da Cunha e Silva, acusado de ter sido portador de duas cartas de Paiva Couceiro dirigidas aos officiaes da guarnição de Santarem, os srs. coronel Mousinho d'Albuquerque e capitão Franco Frazão.

Presidiu ao tribunal o sr. dr. Pereira da Mota; a accusação estava a cargo do sr. dr. Pinheiro Moreira e a defesa foi feita pelo sr. dr. Arnaldo Monteiro.

No decorrer da audiência pretendeu a defeza demonstrar que o réu não tinha conhecimento do conteúdo d'essas cartas, que lhe tinham sido entregues por um official desconhecido, em Lisboa, solicitando para as fazer chegar ao seu destino em Santarem.

Achou natural o pedido e pontificou-se a deseme-

nhar a comissão apresentando-se em casa do sr. capitão Frazão que, ao abrir a carta, verbeou indignadamente o procedimento do seu portador e logo o quiz prender. Então supplicou-lhe por tudo que o deixasse em paz, rogou-lhe a salvação, dizendo sempre desconhecendo o que havia n'essa car-



2—O escrivão do processo sr. Daniel de Matos  
3—O delegado do ministerio publico sr. dr. Pinheiro Moreira



ta. Ao ver que não era atendido galgou rapidamente a escada, fugiu para a rua, sendo então preso e





Aspeto geral da audiência do primeiro julgamento do dia 28





1—Espectadores do drama judicial



2—Joaquim Augusto de Almeida condenado a 20 anos de degredo no primeiro julgamento, realizado no dia 28

3—A condução do condenado (Ulrichs de Benoliet)

conduzido para o governo civil, onde o interrogaram.

Insistindo sempre na sua inocência o acusado narrou todas as peripecias da sua ação, ficando por fim como aniquilado no banco em quanto os jurados recolhiam

para tomarem as suas deliberações.

O crime foi dado como provado com a agravante de pretender o réu aliciar militares, tentar alterar a paz interna e mudar as instituições, provocando a guerra civil, sendo por isso condenado em seis anos de prisão maior celular e dez anos de degredo ou na alternativa de vinte anos de degredo em possessão de segunda classe.

Diante da deliberação do juri o condenado declarou que esperava ser absolvido e apelou da sentença.



# O "Bürgerpark" de Bremen

Um dos grandes erros do povo português é pretender que todas as coisas sejam filhas do Estado.

O espirito de iniciativa não existe entre nós; se temos 7 ministros eles que tratem de todas as questões que nós, quando muito, nos limitaremos a desfazer e a criticar o trabalho dos outros. A orientação do povo alemão é bem diferente. O Estado tem simplesmente por missão regular os interesses do paiz para que este se engrandeça em todos os ramos de actividade.

E se todas as cidades alemãs progredirem de dia para dia, deve-se esse facto ao espirito de iniciativa particular, auxiliada pelo Estado, aliás sempre disposto a auxiliar todos os empreendimentos que constituem um progresso.

Se Bremen possui o seu importante *Bürgerpark*, um dos parques mais lindos que temos visto deve-o simplesmente á iniciativa particular.

Em 1865 um diminuto numero de habitantes d'aquella cidade pensou em transformar, n'um recinto de recreio, um grande prado existente nos suburbios da mesma cidade, e onde se realisava o tiro nacional.

Constituido para esse fim um *Comité*, este expóz ao governo da cidade a sua iniciativa a qual foi patrocinada pelo referido govern. que por sua vez cedeu gratuitamente a parte do terreno que lhe pertencia, tendo feita essa ce-



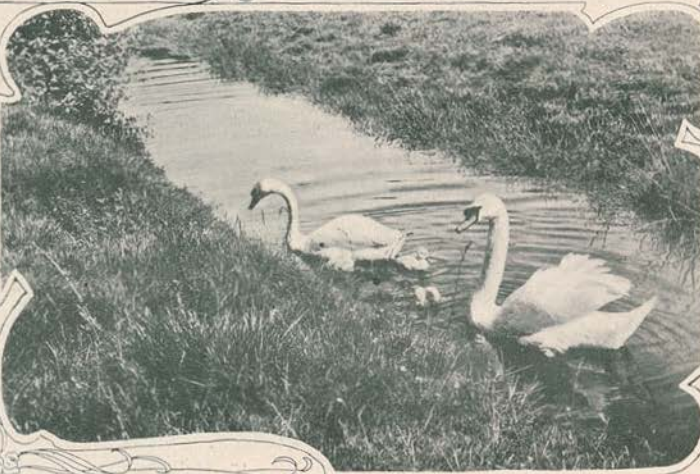
1—Uma das estatuas do parque  
2—Emma-See  
3—Os cisnes do Bürgerpark:

tes de donativos voluntarios e evaram-se até 31 de dezembro de 1910 a 5.61482 marcos, (134:755878o réis) O seu custeio anual é de

dencia por 5 anos findos os quaes foi renovada por tempo ilimitado.

Foi tão bem aceite a iniciativa do grupo de amigos de Bremen que este recebeu immediatamente valiosos donativos, e o areal que tinha apenas 74 hectares de terreno, passou a ter 136 hectares, procedendo-se aos trabalhos do parque que concluíram em 1884.

As despesas totaes provenientes





cerca de 120:000 marcos.

As receitas presentemente são constituídas pelas quotas dos socios e em numero de 4271 os quaes pagam a contribuição minima de 3 marcos por ano sendo a mesma receita de 30:500 marcos.

E é justamente todos os esforços reunidos que fizeram com que a cidade hoje possua um dos mais lindos parques do



sito impossível. Em compensação nos mezes de verão tão confortavel recinto é visitado por milhares de pessoas diariamente.

E' belo ver ali, n'essas tardes calmas, centenas de creanças absorvendo o ar puro e vivificante filtrado pelo compacto arvoredo.

Entretém-se ali em exercicios sportivos tão frequentes na Alemanha e que



1—O retro do tanque 2—Meirel, o principal restaurante do parque 3—O chalet dos veados 4—Um aspecto do parque

tornam a raça germanica tão robusta e vigorosa.

Aos domingos e outros dias feridos a cidade fica despovoada e o *Burgerpark*, oferece um espectáculo interessantissimo com tantos milhares de individuos.

Os seus restaurantes luxuosos e confortaveis enchem-se completamente, e as orquestras dos mesmos, não envergonhando a bel.

... mundo. O *Burgerpark* no inverno não é visitado. Todo aquele arvoredo compacto, as suas estatuas e emfim todas as suas maravilhas, são cobertos pelo gelo, abundante nos mezes de inverno d'esta região e que torna o tran-







auxiliando-a com critério como se faz aqui na Alemanha e na própria Belgica, paiz pequeno mas onde podemos receber lições importantes.

Se existem indústrias que tenham condições de vida no paiz, e se é o desenvolvimento industrial o maior alicerce das sociedades bem constituídas, que explore a indústria do turismo, aproveitando para esse fim o que temos de belo e chamando por meio d'uma propaganda inteligente os forasteiros que até aqui não teem visitado por falta de comodidades.

E' o que se faz cá fóra.

O proprio *Burgerpark* chama a Bremen muitos milhares de individuos.

E' o que se podia fazer em Portugal se se provocasse o espirito de iniciativa

música allemã, delicia-nos com os seus reportorios escolhidos.

O parque é cortado por riachos onde a troco de 10 pfennig se navega em pequenos botes de recreio e se passa um bom quarto de hora n'uma viagem deliciosa; e se nos embrenharmos na mata disfrutaremos ruas onde uma simples nesga de sol não póde penetrar e onde milhares de individuos se estendem na relva gosando com prazer a frescura e o silencio do parque.

Se a Alemanha se tornou grande e se todas as suas cidades encerram preciosidades como é o *Burgerpark* de Bremen deve-o a seu espirito de iniciativa particular, não recorrendo ao Estado senão em ultima instancia.

Que Portugal, paiz que encerra tantas maravilhas, veja como cá fóra se tratam os assuntos que interessam o paiz.

Temos condições de progresso e de vida; a nossa situação geográfica é sublime e a propria natureza nos beneficiou com maravilhas que o homem não soube explorar e que sem duvida fariam de Portugal um dos paizes maiores do mundo e por tal motivo visitado pelos estrangeiros com bastante vantagem para o fomento da riqueza publica.

Um dos trabalhos importantes e urgentes da Republica constitue provocar a iniciativa particular.



- 1—Um aspecto dos Jardins
- 2—O café de Emmasee
- 3—Restaurante à beira dos lagos
- 4—O lago

e que os governos se dispuzessem a olhar a serio para os progressos do seu paiz.

Bremen 1911.

Pedro Muralha.





A ENTREGA DAS CREDENCIAES  
DO MINISTRO DA ITALIA.



O ministro de Italia com o sr. Batalha de Freitas á saída do palacio de Belem  
(cliché de Benoliel)

# Figuras e Factos



—O Juiz Meireles e o escrivão Tavares Melo no julgamento dos padeiros —O réu e o seu advogado de defesa dr. Herlander Ribeiro—Clichés de Benollet

Os implicados na greve dos padeiros e nos tumultos que se lhe seguiram foram julgados no tribunal da Boa Hora sendo a maioria absolvida por falta de provas e adiando-se alguns julgamentos.



Dois aspectos do salão do antigo convento das Trinas adaptado a tribunal para o julgamento dos prisioneiros politicos

O convento das Trinas, onde foi morta a menor Sara de Matos pela celebrada irmã Coleta, foi aplicado a tribunal destinado ao julgamento dos conspiradores, ficando ali instalada não só a sa-

la da audiência mas também o cartorio dos escrivães que vão tratar dos inumeros processos que tem de ser julgados. No tribunal ha logar para seiscentos espectadores, sendo muito bem estabelecidas as comunicação entre a sala da audiência e as outras casas do edificio.



O sr. dr. Augusto Viana, diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, e os estudantes bahianos acompanhando a sr.<sup>a</sup> D. Olga Sarmento na sua visita aq uele estabelecimento

**Dr. Augusto Viana.**—A sr.<sup>a</sup> D. Olga Sarmento regressou da sua viagem ao Brazil onde realizou algumas conferencias com exito acerca da vida e de literatura portugueza. Recebida pela primeira sociedade brasileira, tendo-se celebrada algumas festas em sua honra a nossa compatriota recebeu assim a consagração d'um publico estrangeiro bem distinto entre o qual o da cidade da Bahia onde o sr. dr. Augusto Viana diretor da Faculdade de Medicina fez o elogio da escritora portugueza.



A classe textil que entregou ao Parlamento uma representação sobre o projeto de lei dos accidentes de trabalho—Clichés de Benollet

A classe textil dirigiu-se ao parlamento a fim de solicitar a rapida discussão da lei dos accidentes de trabalho e entregando ali uma representação n'esse enido.



# PAGINAS DE HISTORIA COMO EU VIA INCURSÃO

1

**A campanha de Vinhaes!—Onde se fala  
d'uma egerja romantica e d'uns  
seios tremidos**



QUANDO, no dia 6 de outubro, alta madrugada, me bateram à porta e me disseram que o Couceiro entrara em Vinhaes e as nossas tropas haviam retirado para Rebordelo, eu abri a boca n'um certo espanto, abanei desdenhosamente a cabeça e murmurei com um tal ou qual ar de indiferença:

—Como?

E quando, com quatro voluntarios de Chaves, Antonio José Luiz Pereira, Antonio Chachapuz, Joaquim Serralheiro e Vitorino Vidago, no auto do comando militar, me vi a caminho de Rebordelo, comecei remoendo a idéa de que tudo, no final, se havia reduzir a uma lamentavel soma de impredencia, ineptia e medo.

Em Lebução soube-me que em Çonim e Fiães a bandeira azul e branca estava arvorada nas torres das egerjas. O padre Vitorino Ferreira amotinara o povo em Çonim, annunciando-lhe que a monarquia tinha sido proclamada em Lisboa e Porto, que a tropa de Bragança já se tinha rendido ao Couceiro e que os republicanos de Chaves já tinham fugido todos. Em Lebução a bandeira azul e branca fora tambem arvorada na torre, mas os republicanos arriaram-na e despedaçaram-na. Em Vilar Tão e n'outras aldeias notara-se uma certa agitação.

Prendiam-se estes factos com o levante de Cimo de Vila e Sanfins da Castanheira, nos dias 2 e 3, dirigido pelo padre Mangos. O padre Jaime e o padre Vitorino tinham ido a Sanfins conferenciar com ele. Dizia-se que a maioria dos padres dos tres concelhos, Chaves, Valpassos e Vinhaes, estava entendida com o Couceiro. O reitor dos Pos-sacos já tinha mandado lavar a egerja para cantar o *Te-Deum* de graças pela feliz restauração...

A estrada acabava na Lampaça, onde uma egerja romantica, que uma devoção estúpida caiara, erguia belicamente a sua torre de campanario, n'aquella tarde de horizonte acobreado e de céu podre. A paizagem assumia a nitidez de linhas e a vaga cor saudosa e crepuscular dos dias pardos. Para a esquerda um monticello parecia dormir, por cima de Vilar Tão, no abandono molengo de um jornalero que se deixou cair a uma sombra, esmagado de sono e de canção. Em frente as serras estendiam-se em successivos planos, arregaçando os dentes graníticos ou irriçando os dorsos, povoados de carvalheiras, em attitudes aggressivas. Das ravinas, das meias encostas, aqui e além, erguiam-se penachos de fumo, denunciando os povoados. Uma ultima serra, ao longe, dava a idéa d'uma fera ante-diluviana preparando o salto para devorar uma serra mais pequena, que parecia encolher-se de medo e repregar-se n'uma humilde postura de supplica.

Espingardas ao hombro, almas ao hombro—e começamos a descida até ao Rabaçal. Iriamos passar aos Moinhos, um pouco abaixo das pontes de Val de Arneiro. Por aqueles sitios, como lobos danados, se acoitaram as quadrilhas de ladrões que assaltavam os feirantes da Torre de D. Chama e que serviam ás vezes de guardas de honra aos

morgados, nos feitos eleicoeiros e nas longas jornadas.

N'um certo momento, o tenente do estado maior Maia Magalhães notou que o caminho era positivamente uma pessima escada e que na verdade fazia sua falta um corrimão. Os seixos, acordados pelas nossas botas barbaras, rolavam estremunhadamente e corriam a dissimular-se entre as estevas ou a esconder-se atraz da aresta de algum penedo. Emfim, o rio appareceu como uma fita azulada entre duas margens rochosas, que faziam pensar em aventuras de peles vermelhas e cowboys. Uma mulher, junto dos molinos, onde a agua espadanava idilicamente, em colete de ramagens vermelhas, os braços semi-nús, batia uns ensaboados. Paramos. Como estavamos n'um plano superior, quando a mulher se abaixava para molhar a roupa na corrente, nós viamos-lhe os seios tmidos e morenos. Ela olhou para nós, o azul do seu olhar pareceu o reflexo da agua azulada, teve um movimento de gazela surpreendida, e continuou a fazer cantar o ensaboados no lavadoiro. Dois cavaleiros, ao longe, projetavam-se no horizonte. Um enorme castanheiro torcia as raizes, como um velho tropego torce as pernas, e agitava no ar tremulamente, como um velho agita os dedos tremulos, os ramos verdes, pingantes d'ouriços. Um sobreiro, mais ao longe, raspado de fresco, apresentava o tronco ensanguentado de martir. Um rebanho, para o nascente, espraivava-se por uma encostada. Uma cabra, do cimo de um penedo, contemplava nostalgicamente o abismo.

Ah! decididamente, nós estavamos n'um planalto do Colorado e aquella linda mulher de seios morenos era bem a Filha do Rio, a favorita do chefe Dente de Rangifer, e que naturalmente tinha ido ao rio sagrado lavar a camisa da noite de nupcias...

Depressa, depressa, ó homem da barca, ó velho moleiro, antes que a linda Filha do Rio fuja para algum refugio desconhecido e encantado... Depressa! depressa!

A barca aprôa à margem, e sobre a agua ancorada da represa, entre as duas montanhas enormes, vamos deslizando, a alma embalada ao ritmo da agua cantante.

De repente, lá de cima, de Rebordelo, ouvem-se vozes portentosas:

—Vivam os voluntarios de Chaves!

—Viva o dr. Granjo!

Acredita, leitor, eu não sou dos mais apaixonados cultores da illusão, nem sou d'aqueles a quem mais amarga é a deceção. Mas acredita, leitor, que é uma coisa horrivel a gente ir sonhando pelos planaltos do Colorado, com uma fugitiva e deliciosa imagem de india na retina, e de repente achar-se... em Rebordelo, candidato a heroe... de Vi-



O deputado por Chaves, dr. Antonio Granjo, que acompanhou as operações militares contra Paiva Couceiro



naes. Não queiras, leitor, experimentar jámas tão rude prova. Nasceu-me n'esse momento o primeiro cabelo branco.

—Mas então que ha?—e familiarmente iam pondo as mãos nos hombros dos rebordelenses.

Na povoação vultos graves de mulheres, da porta de casa, olhavam um pouco apreensivamente «os de Chaves» e uma sombra lhes enlutava o olhar quando fixavam as espingardas.

Ouviu-se uma voz fresca e argentina, de rapariga casadoira:

—Raios parta os homes. Andam sempre uns contra os outros, como os cães...

Contam-nos, na loja do Alfredo, o que havia. A boca da noite, pelas 7 horas dentro, de roldão por ali abaixo, appareceram em Rebordelo as nossas tropas. Vinham com o café. Traziam uma marcha violentissima. Puzeram-se a comer, a beber, a contar da entrada do Couceiro, do parlamentar, do combate, da retirada. N'isto espiou-se que um visinho de Rebordelo tinha ido a Vinhaes avisar a gente do Couceiro da estada das nossas tropas, e o comandante, o capitão Andrade, ordenou que o destacamento continuasse imediatamente a

Russia e dos caçadores que se bateram em Coolela.

A's duas horas da manhã a cavalaria encetava a marcha com um rigoroso serviço de segurança. Um quarto de hora depois o destacamento avançava.

Noticias posteriores não havia. Corriam rumores de que a cavalaria entrara em Vinhaes e repelira os couceiristas. Mas nada se sabia.

—Eh! rapazes! espingardas ao hombro, almas ao hombro, e adeante...

A tarde caia. Um garotinho, á nossa partida, trepou a uma parede, agitou o boné e gritou num estridor de clarim:

—Viva a Republica!

O viva ficou cantando no ar como uma benção e ficou cantando nos nossos ouvidos como uma dôçura.

—Eh! rapazes, adeante...

11

#### A noite—As montanhas—Uma aldeia de tartaros

Passou por nós a força de cavalaria 8 comandada pelo tenente Pereira, a qual vinha de Vila Pouca de Aguiar e, no reconhecimento offensivo de Cazares, devia formar a linha de fogo. A noite sacudia a sua cabeleira de sombras. Sobre os montes parecia que vultos erravam, rastejando, como espiões. O céu listrava-se de poente para nascente e a lua irisava levemente uma nuvem tenue que lhe roçava a face.

O Cachapuz aperrou a espingarda e estacou.

—Então que ha?

—Além...—e insinuou com o queixo dois vultos esguios á beira do caminho.

Eram dois amieiros.

Acende-se uma fogueira n'um montado além do rio. Para os lados de Espanha acendeu-se outra fogueira. Levantou-se um arisco forte, que nos traz os murmúrios e as vozes da noite.

Chegamos a Valpaço. E' uma aldeia miseravel, a que a tréva dá um aspeto de acampamento de tartaros.

Informam-nos de que as nossas tropas estão em Vinhaes e «eles» retiraram para Salgueiros. O estalajadeiro dá ao «eles» uma entoação escarninha.

—Então «eles» valem alguma coisa?

—O' meu senhor... Eu estava em Vinhaes quando entraram, mortos de fome e da caminhada, alguns descalços. E' uma tropa fandanga. Os garotos de Chaves, os garotos do rancho, corriam-nos á pedra. E' uma carneirada...

Metemos á estrada. Eram 9 horas da noite e tinhamos ainda quinze kilometros.

Uma enorme paz dominava as montanhas, que pareciam dormir umas por cima das outras, como um rebanho de ciclopes monstruosos rendidos de fadiga. As nuvens esfarpavam-se em guedelhas tenues de lâ ladra, que de vez em quando velavam a lua. Um luar mais claro enchia de misterio os longes e as ravinas.

A cinco kilometros de Vinhaes tomamos medidas de segurança. Eramos cinco (o Pereira tinha marchado com o tenente Maia Magalhães e a força de cavalaria 8) e disparamos de um cavallo e de um burro. Os que iam montados marchavam á frente, a duzentos metros, em serviço de exploração, carabinas aperradas. Se houvesse qualquer surpresa cada qual buscaria o primeiro abrigo e faria fogo.

Sobre os telhados das aldeias luziam as babas do luar e nas poças de agua, que aqui e além mosqueavam a estrada, as estrelas reflectiam-se gososamente—pobres estrelas que não tinham mais na



O quartel general de Salgueiros

retirada, em direção a Mirandela. Partiram. Atraz d'elles, aqui, na povoação, ficou o panico. Depois da meia noite sentiu-se o estrepito da cavalaria. Seriam os paivantes? Nada, nada... Do lado do rio só poderia ser a cavalaria de Chaves. Era, na verdade, um esquadrão do 6 comandado pelo tenente Quaresma. Um estudante de Rebordelo, Antonio Gaspar, montou a cavallo e foi avisar o capitão Andrade. O tenente Quaresma seguiu na estrada do estudante e as tropas encontraram-se á 1 hora e meia da madrugada na Portela do Prado. O capitão Andrade opinou que acampassem. Tinha os homens cansados. Marchar sobre Vinhaes era uma loucura. Eram quatro gatos pingados e os paivantes eram dois mil e quinhentos, alguns dos quaes bem armados. Prudencia, prudencia. A situação não era para brineadeiras. Ir para a frente, ir para a frente! Com que elementos? O sargento do 6, Guimaraes, diz: «Meu capitão, temos as patas dos cavalos e as bocas das carabinas, e não precisamos de mais nada». O tenente Quaresma faz uma arenga patriótica aos soldados, exalta-lhes o sentimento do dever e grita-lhes que fique quem quizer, mas que ele irá para a frente com o seu esquadrão. «Pois se o meu tenente vai para a frente, também nós». E os soldados do 10 dispõem-se para a marcha. São bem, os magnificos soldados, os descendentes dos legionarios que se bateram na



da de que se enamorem do que aquelas poças tranquilas.

Certamente, certamente, se as nossas forças estavam em Vinhaes, os paivantes deviam procurar incomodá-las, e, como contavam com a cumplicidade das povoações, não seria de estranhar que qualquer grupo viesse até Sobreiró espalhar o pânico e procurar surpreender qualquer reforço de Chaves. Na nossa imaginação desenhava-se a perspectiva deliciosa de alguns dias de perigos. O Joaquim Serralheiro dizia:

—A minha vida vae no cano da carabina.

Na mansidão da noite, ouviu-se a voz forte do Joaquim:

—Faça alto!

E sentiu-se o estalar do cão. Estávamos um pouco acima de Sobreiró, cujas casas se divisavam já na ultima volta da estrada.

Acudimos Eram duas mulheres com os chales pela cabeça e um rapaz. Disseram-nos que tinham fugido da guerra e que iam para Coropos, para casa de uns parentes. O Vidago rosinou:

—Hum...

E alvitrou que se levassem presos para Vinhaes. Deixei-os ir em paz. Era a primeira vez na minha vida que eu podia dispôr da liberdade de alguém. E foi a primeira vez na minha vida que eu senti a alegria de dar a liberdade a alguém. Garanto que é uma das mais perfeitas e puras alegrias.

Deixamos Sobreiró. Os cães ladram incessantemente pelas canceladas e pelos curraes. O luar torna-se mais branco. Um assobio prolongado corta o ar agressivamente. Pomos as carabinas em posição de atirar e caminhamos cautelosamente. Surge um homem a cavallo n'um macho, envolta numa manta de pastor.

—Quem vive?

—Gente de paz.

As primeiras casas caídas de Vinhaes aparecem-nos por entre os castanheiros, como pombaes mortos, d'onde as pombas tivessem emigrado e onde o luar fizesse agora os seus ninhos de saudade e de tristeza. Nem o rumor de uma aza. As patas das pobres bestas batem o seixo da calçada, mas não se abre uma janela, não se descerra um postigo. Nem viv'alma. Não ha uma sentinela, não ha uma vedeta. Que é isto? As nossas tropas teriam marchado sobre Salgueiros, teriam rechaçado para além da fronteira o inimigo, e teriam acampado na montanha? Enfim, lá em baixo um feixe de luz jorra vitoriosamente de uma janela e cae sobre a rua como uma esteira doirada. Estão á nossa espera.

Ceámos. E enquanto na meza de castanho fumega a travessa, dão-nos parte de que o Pereira está já nos postos avançados e de que a cavalaria, de manhã, fará um reconhecimento ofensivo. Pois iríamos com a cavalaria. Deitamo-nos. No dia seguinte o Cachapuz garantia que eu tinha resonado como um heroe de Homero. E' uma bela coisa ter saude e ter andado em doze horas 35 kilometros a pé.

### III

#### O combate do Alto da Ucha

E' em frente á quadrada torre romanica que domina a vila velha, n'um largo d'onde uma diligencia se prepara para abalar para Bragança e uns renques d'árvores põem uma nota petulante de vida hodierna, que um velho condiscipulo, na manhã de 7, me conta como foi aquilo. A's 8 horas da manhã começaram descendo a um de fundo o Alto da Cidadela ou Arrabalde dos Mouros. O capitão Andrade, em virtude das informações do cabo que comandava a força de cavalaria II e dirigira o serviço de exploração, tinha abandonado

a vila e tomado posição no Alto da Ucha. Os paivantes entraram sem disparar um tiro. Tomaram posse da estação telegrapho-postal e da correspondencia, da qual o dr. Vilas Boas passou uma escreve de recibo em nome de Paiva Couceiro. Alguns funcionarios foram cumprimentar os paivantes que conheciam. O padre Abilio Ferreira e os Bacelares, sobretudo, foram calorosamente felicitados. O Couceiro, com o estado maior, percorreu a rua, vitoriado por algumas mulheres e creanças e meia duzia de homens. Salientaram-se a filha de um cortador e o amanuense de um cartorio, que continuamente lhe beijavam as mãos e que tinham fugido. Eram as creaturas que encontramos em Sobreiró.

Paiva man'ou o tenente Figueira intimar a rendição ao capitão Andrade. O tenente Figueira subiu ao Alto da Ucha com um clarim que desertou de cavalaria 6 e uma ordenança arvorando a bandeira branca.

A conferencia com o capitão Andrade durou bastante tempo. O tenente Figueira voltou, são e salvo, com o clarim e a ordenança, e anunciou que o destacamento não se rendia e o capitão Andrade dava duas horas para se retirarem do territorio portuguez. Ao fim das duas horas romperia fogo.



O sr. dr. Antonio Granjo ◊ com o grupo dos civis á frente das tropas

Paiva manda então avançar a primeira companhia (capitão Camacho), composta dos pelotões de Serreaos (tenente Manuel Valente), Trasmiras (D. Pedro de Lencastre e Tavora, filho do marquez d'Abrantes) e Lasa tenente Julio d'Ornelas e Vasconcelos, para a Corujeira.

Os homens armados á frente, os da manta, armados de pistolas Browning ou Webley, de reserva. As outras duas companhias (a do capitão Remedios da Fonseca e a do capitão Martins Lima), ficaram pela vila, procurando um canto onde descançarem um instante e suplicando um pouco de pão e uma pouca d'agua, sem ser possível metel-os em fôrma, ou sequer arrebanhal-os para o combate. A muito custo os officaes conseguiram dispôr alguns armados de espingardas ao abrigo das paredes ou das casas.

O fogo rompe, aí pela uma hora da tarde, do nosso destacamento, para a Corujeira, a uma distancia de 1:800 a 2:000 metros. Os paivantes respondem fracamente. Da vila vão alguns tiros altos. O fogo continua lento por espaço d'um quarto de hora.

Não ha uma baixa de parte a parte. Os paivantes evoluem na Corujeira e aos officaes do destacamento afigura-se-lhes que desenham um movimento envolvente. O capitão dá ordem para retirar.



Eles para aí ficaram n'essa noite acomodando-se nas estrebarias e nos palheiros. Os officiaes foram recebidos nas melhores casas e n'algumas celebrou-se ruidosamente a estrondosissima victoria.

No dia 6 abalaram para Salgueiros. Alguns ficaram-se já ronciramente para traz. Tinham-lhes dito que era só entrar, que as tropas aderiam logo, que os padres já tinham as egrejas prontas para cantar as missas em ação de graças, que os povos se levantariam em massa, que das proprias montanhas sairiam soldados aguerrido, que dois cou-raçados deviam já áquelas horas ter bombardeado Lisboa e tomado o Porto... Quando viram que os nos- os soldados os recebiam a tiro, e que o grande Paiva Couceiro recuava, certamente para se pôr ao seguro na fronteira, venderam as pistolas e as révas de pano e abalaram para suas casas, com o rabo entre as pernas, como cães famintos que buscassem de novo a gamela do dono.

Ao entrarem na vila, á frente vinham o padre Abilio Ferreira, o padre José de S. Vicente e tres ou quatro padres do concheilo, das freguezias por onde D. Paiva passára, desde a Cova da Lua.

Deparamos com a bandeira republicana hasteada no edificio da camara e crivaram-na de tiros, doidamente, epileticamente, como selvagens que atirassem ao ar os despojos do inimigo e cessassem nos miseros a ferocidade. E foi isso o grande ato heroico da malta restaurista.

A'quella hora deviam estar perto da fronteira, prestes a internarem-se, para se refazerem ou para se dispersarem.

#### IV

### No Alto da Corôa. O reconhecimento de Cazares

A cavalaria (esquadrão do 6 e força do 8), sob o comando do tenente Quaresma, partiu e na vila ti-cou uma certa oppressão. Uma mulher que passou disse para nós:

—Jesus! O que terá acontecido?...

Carabina ao hombro, alma ao hombro — e adiante. Passamos pelo posto avançado da Corujeira. O capitão Andrade e o aspirante Saldanha almoçavam. Descemos o morro metemos á estrada de Salgueiro...

De vez em quando uma raçada de sol caia-nos em cima das costas como um brazeiro. Passou um velhote, a cavallo n'um burro, escarranchado no meio da carga.

—Então quem vive, tiosinho?

—Viva quem tem mais força!

Eh! bom velhote, tu encerras todo um tratado de filosofia... Que te importa a ti que seja este ou aquele que vença, se has de continuar da mesma forma a apalhar o burro e a levar á vila as mesmas canastras de figos, os mesmos sacos de centeio? Que te importa a ti que fique a Republica ou venha outra vez a monarquia, se não ligas a esses vocabulos senão a idéa de que em qualq'er caso tens de pagar as mesmas decimas? Que culpa tens tu, meu velhote, de seres ignorante, e que diabo te importa a ti, no fim de contas, mudar de donos? Bom velhote, vae em paz. Quem me dera, quem me dera ser como tu, uma creatura que está para morrer, e que tens da vida proxima-mente a mesma concepção que tem o teu burro... Bom velho-

te, adeus! Sabes, eu vou para a batalha, vou para a victoria, vou possuir-me da sedução da violencia e do perigo, vou embriagar-me com o estrepito da guerra, e á volta as raparigas da minha terra desfolharão sobre a minha cabeça de triunfador bençãos de luz, canticos de graça, beijos de amor... — Bom velhote, bom velhote, quem me dera o teu sorriso...

No Alto da Corôa. Levanta-se um bando de pombas bravas. Estamos alagados de suor. Um vento frio, da Cenabria, revolve as estevas, a carqueja e a chamiça da encostada. Um pastor avisa-nos que a cavalaria marchou em direção a Cazares e talvez se estivesse n'aquelle momento travando o combate.

Junto da ultima ruína de nível, antes do Alto, ha uma casa em ruinas. O vento sopra com extraordinaria violencia. Os castanheiros enchem o espaço d'um rumor perturbante. Abrigamos-nos do vento atraz d'uma parede. Bebemos os ultimos goles d'aguardente por um cantil que um paivante deixou ficar em Vinhaes e a que o Vidago deitou a mão. O Cachapuz conta:

—Mas, no fim de contas, que mais faz beber por um cantil do inimigo ou por um craueo do inimigo? Somos purissimos selvagens...

A' esquerda, n'umas escavações, começam a aparecer vultos, que se projetam na brancura das trincheiras como desenhos a carvão.

—Serão eles?

Mandamos li o guia. Se forem paivantes, que se deixe ficar de pé; se forem dos nossos, que se deite na terra lavrada.

—Serão eles?

Contamos os cartuchos. Verificamos que a posição é admiravel. Se forem eles, a coisa ha de sair-lhes cara...

O guia deita-se na terra lavrada. Avançamos. N'isto, pela faceira abaixo, em e scanchas d'acrobata, sem chapéu, os braços agitando o ar como grandes azas, um homem precipita-se como possuido de terror. Atalhamos. Era o Zé da Caridade, que de Rebordelo tinha vindo com a força do 8.

—Ah, sr. dr. ... A cavalaria fugiu. Eles veem ahi. São como os carneiros. As balas zuniam como pragas de velha. Eu estava a guardar os cavalos. As balas passavam por entre as redeas como moscas varejeiras. Um cavallo lá ficou. D'elles não ficou ninguem ferido; dos nossos ficaram alguns. Lá ficou o meu cavallo...

E falava, falava, arregalando os olhos, bracejando olhando para traz, clamando que aquilo tinha sido o diabo e dizendo sempre a mesma coisa.

Ganhamos novamente a estada e vimos pelos sineas das feraduras que a cavalaria já tinha passado em retirada. Uma pequena gota de sangue enrubsencia um monticulo de poeira.

—Eh! rapazes, devagar! Aqui vae-se devagar! — e o Joaquim Serralheiro tornava mais firme e mai; cava a sua voz de comando.

Devagar! Devagar!  
Ah! bom velhote, quem me dera o teu sorriso...

ANTONIO GRANJO.

(Continúa)

(Glíchés Benollet)



A torre de menagem do Castello de Braganca



# A ABERTURA DA ESCOLA DE GUERRA



1—O diretor da escola no meio dos lentes falando aos alunos que vão cursar engenharia civil  
2—O general Moraes Sarmiento, diretor da escola de Guerra  
3—Grupos de novos alunos da escola

A escola de guerra está agora sob a direção do general Moraes Sarmiento que, quando diretor do Colegio Militar, de uma maneira evidente afirmou as suas qualidades de pedagogo. Também uma reforma, no seu regimen interno e na sua maneira de ensino, foi posta em vigor e com ela o chefe de Estado inaugurou, em 3 de dezembro, o ano letivo n'aquelle estabelecimento de ensino.

Foi uma cerimonia cheia de simplicidade, em que se ouviram mais palavras de camaradagem do que propriamente subborcinadas aos velhos preconceitos da carreira militar.

Assim como a vida de quartel se transforma dia a dia e ha anciedade de fazer do soldado um cidadão, assim n'essa escola onde se educam os futuros officiaes começam a ser outras as lições, outros os exemplos, outros os intuitos.

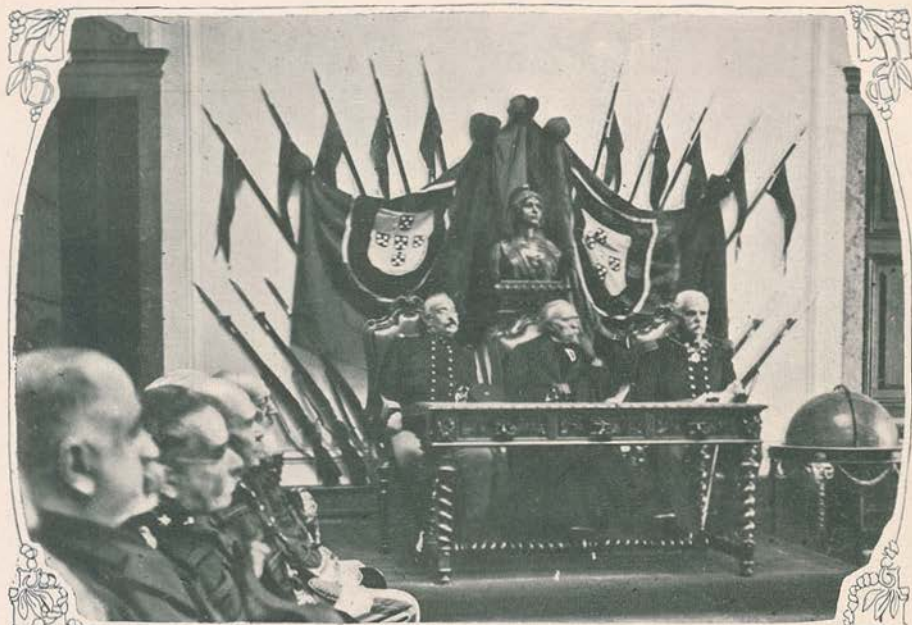
A oração de *sapientia* foi feita pelo lente sr. Mendes Leal que, com um grande brilhantismo, tratou a ques-

ção da guerra e do pacifismo, mostrando como a paz é um calmo e poetico sonho de alguns homens, emquanto a guerra mais e mais se ateia, sendo a força armada uma necessidade imprescindivel das nações.

Todo esse quadro das lutas e da paz foi detalhado com um belo cunho literario, sendo o professor muito aplaudido.

Distribuíram-se de-





1—O Presidente da Republica com o ministro da guerra e o diretor da escola, assistindo á oração de sapientia.

pois os diplomas aos estudantes mais distintos, e o chefe do Estado visitou as dependencias do edificio, onde a guarda de honra foi feita pelos alunos.

Assim se inaugurou o ano letivo na Escola Superior de Guerra que,



2—Os alunos desfilando  
3—A guarda de honra á porta do edificio (Clichés de Benoitel)



pela sua nova organização, prepará excelentes officiaes.

Tambem o diretor do estabelecimento dirigiu uma pequena alocução aos officiaes que vão cursar engenharia civil.

O presidente da Republica foi acolhido á porta da escola com vivas e manifestações populares.



# A EXPOSIÇÃO JOÃO VAZ



1—Sado: Entardecer 2—Santa Maria da Graça (Setúbal)

O ilustre pintor João Vaz fez este ano a sua exposição no salão Bobone, na rua Serpa Pinto. Compõe-se, como de costume, de excelentes trabalhos do genero em que é exímio, as lindas marinhas, os assuntos piscatorios que encantam a sua retina e tentam o seu pincel. E' sempre o mar ou o pescador, velhotes á beira da agua ou rapariga ribeirinha com o seu sorriso casto, trechos bem observados que lhe deram um alto destaque n'esta especialidade.

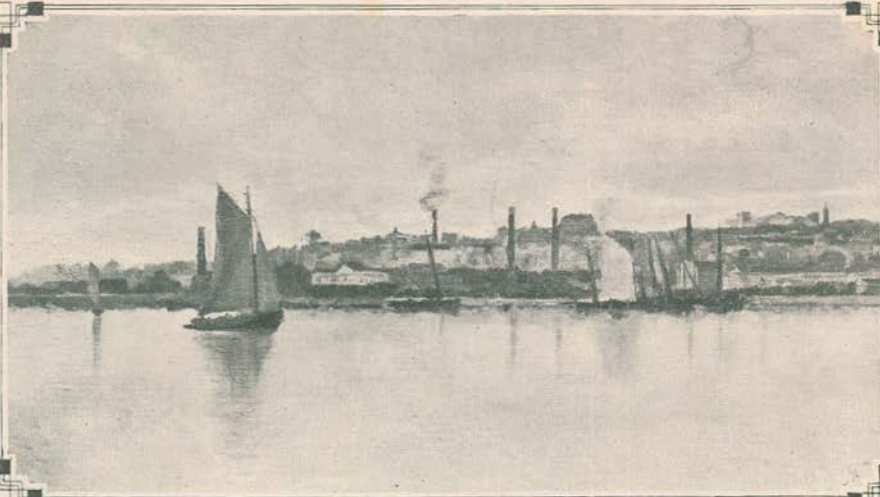
D'esta vez, porém, o artista deixou-se tentar tambem por outro assunto digno do seu valor, aquele



3—Um dia triste em Espinho

encantador quadrinho da Madre de Deus com seus rendilhados, sua escultura, sua evocação e que fielmente reproduziu.





- 1—Inverno (Tejo)  
 2—Após o nevoeiro  
 3—As pitteiras  
 (Clichés de Benollet)

Os trabalhos agora expostos honram, como os anteriores, o diretor da escola Afonso Domingues que, com uma grande perseverança, conseguiu ser o nosso primeiro pintor de marinhas, ás quaes dá um cunho ão verdadeiramente artistico e pessoal que nos obriga a exclaimar, antes de ler o nome que as assina:



são quadros de João Vaz.

A *Ilustração Portuguesa*, publicando alguns clichés dos quadros expostos, presta a sua homenagem ao distinto artista.





# A COMEMORAÇÃO DO 1.º DE DEZEMBRO



A Sociedade Primeiro de Dezembro convidou o chefe do Estado para a comemoração anual d'essa data em que se celebra a libertação de Portugal do jugo castelhano. E' o acordar de sessenta anos de cativo, á voz dos quarenta fidalgos reunidos em casa de D. Antão Vaz d'Almada, onde hoje está instalado o quartel general da divisão, que aquela Sociedade relembra com a sua cerimonia de dia 1.º de Dezembro junto ao monumento dos restauradores na Avenida da Liberdade.

Este ano o sr. dr. Manuel d'Arriaga dirigiu-se ao edificio do quartel general, sendo recebido com todo o ceremonial e visitando a sala onde se acham expostos os quadros relativos ao acontecimento. De seguida foi ao monumento dos



1—O presidente da Republica e o chefe do governo Junto ao monumento

2—Um aspecto da praça dos Restauradores

restauradores acompanhado pelo general da divisão, chefe do estado-maior, muitos officiaes; membros do ministerio e governador civil de Lisboa, passando pelas alas res-



3—O Presidente da Republica entre a multidão

(Clichés de Benollet)

peitosas do povo que o saudava. Deteve-se o Presidente da Republica alguns instantes junto do padrão comemorativo da libertação retirando-se no meio das mais entusiasticas aclamações.



# Figuras e Factos

**O socialista Pablo Iglezias em Lisboa.**—Pablo Iglezias é um ilustre democrata espanhol. Pertence ao partido socialista do paiz visinho e que se tem aliado n'uma grande fé aos republicanos sempre que ha alguma tentativa de cerceamento das liberdades por parte dos elementos conservadores. Por sua causa se formou, diante da obra de Maura, a conjunção republicana-socialista. pela qual se organisou o partido operario na Espanha e do qual é o chefe indiscutivel.



A chegada do socialista espanhol Pablo Iglezias a Lisboa

O sr. Pablo Iglezias chegou a a Lisboa em 30 de novembro sendo recebido pelos membros do partido Socialista Portuguez na gare do Rocio apresentando-se á noite no sarau de confraternisação internacional que se realisou na Caixa Economica Ope-

**A representação do pessoal da Moeda** — O pessoal da Casa da Moeda deliberou tambem dirigir-se ás instancias superiores a fim de reclamar as



1—O pessoal da Casa da Moeda  
2—O edificio da Moeda  
(Clichês de Benolle)

melhorias de situação que carece. Com effeito ha anos que não se remodela aquele estabelecimento e d'ahi a necessidade dos operarios ali empregados tomaram a iniciativa de o recordar ao governo o estado em que se encontram, a sua situação, os seus salarios exiguos. Ao mesmo tempo foram solicitar que se desse por finda a celebre sindicancia ali realisada, castigando-se os culpados, se exist- tem, mas pondo um termo á decantada questão.

No dia 29 de novembro o trabalho acabou pelas 2 horas da tarde e os operarios foram em massa, com o pessoal dos escritorios, da amoedação e da contadoria ao ministerio das finanças a fim de

entregar a representação que elaborara ao respeito ministro o que não puderam fazer, nem mesmo no parlamento para onde se dirigiram, em vista do

sr. dr. Sidonio Paes não ter assistido n'esse dia á sessão. Encarregou-se de fazer chegar o documento ao seu destino o deputado sr. Boto Machado, a rogo da comissão associativa.

**O busto de D. Manuel I**—

No pateo do Museu de Artilharia existia uma estatua de D. Pedro IV que foi substituida agora por um busto de D. Manuel I, o rei venturoso, que ficou collocado entre algumas peças e bombardas de Goa e Ormuz do tempo d'aquelle monarca que ali existem bem como varios trons e petardos da mesma epoca.



O busto de D. Manuel I que substituiu a estatua de D. Pedro IV no pateo do Museu d'Artilharia

entregar a representação que elaborara ao respeito ministro o que não puderam fazer, nem mesmo no parlamento para onde se dirigiram, em vista do

sr. dr. Sidonio Paes não ter assistido n'esse dia á sessão.

Encarregou-se de fazer chegar o documento ao seu destino o deputado sr. Boto Machado, a rogo da comissão associativa.





# A INCURSÃO DO PALADINO

NARRATIVA COORDENADA  
POR JORGE D'ABREU



tou a Paiva Couceiro a perda de algumas dezenas de mercenários que ficaram no caminho: mas os que conseguiram chegar ao cabo de poucos dias, em frente da Portela do Homem, podiam gabar-se d'um valioso feito, qual o de terem resistido admiravelmente às inle-

1—Em Saptão: Abrigados das chuvas

(Continuado do numero anterior)

O recontro de Cazares foi a ultima *etápe* combativa da aventura incursionista. D'aí por diante as forças republicanas limitaram a sua ação a acompanhar, do lado de cá da fronteira, a marcha brilhante efetuada pelos conspiradores do lado de lá. E dizemos brilhante, porque não é possível classificar de outro modo essa avançada rapidíssima desde Esculquera até às proximidades do Gezez, contornando sempre a linha da raia apenas com um pequeno desvio na estrada de Terroso. E' certo que esse esforço cus-



mencias do tempo, aos obstaculos das serranias e às vicissitudes da vida aspera e rude, não raro entrecortada de fome e desabrigo.

A noticia do recontro de Cazares



2—Camponezas de Montalegre

3—Posto avançado de cavalaria no caminho de Montalegre



1—A entrada de Montalegre 2—Metralhadoras na estrada  
3—Uma paragem em Sapião



espalhou-se na região de Traz-os-Montes, envolta em pormenores pessimistas. Ouvimol-a no Tua, na tarde em que por ali passou, em direção a Bragança, o destacamento de marinha do comando do 1.º tenente Cerqueira. Segredada cautelosamente entre os officiaes do destacamento, que a não queriam divulgada com o justo receio de que os seus subordinados perdessem a cabeça n'uma irreprimivel explosão de patriotismo, em breve caiu no dominio de toda a gente com a agravante de salientar que o fogo dos conspiradores procurava de preferencia os mili-

tares agaloados. Mas a ameaça não causou sequer um leve estremecimento no grupo de briosos rapazes que constituíam o estado maior da força de marinha e do Tua até Bragança todos eles deram mostras de que só anceiavam pelo momento decisivo que os puzesse em contacto com o inimigo.

—Tratal-o-emos como merece, dizia-nos então um d'esses officiaes. Creia que não lhe daremos a honra de receber parlamentarios porque isso implicaria a idéa de estarmos a tratar com um exercito regular. E não é, decerto, *exercito regular*, um bando de aventureiros armados de pistolas e estoques...





Do lado dos realistas, o recontro de Cazares foi encarado como uma legítima vitória a ajuntar ao seu ativo de triunfos e vitória que obrigára as forças republicanas a bater em retirada. O boletim oficial da conspiração referente ao dia 7 de outubro diz, pouco mais ou menos, o seguinte :

«Já fóra da fronteira, as forças de Paiva Couceiro travaram combate contra a cavalaria que partira de Bragança (?). N'esse recontro, Paiva Couceiro causou dezeseis baixas aos seus inimigos.

a monarquia em Vinhaes. Tivemos dois combates, nos quaes houve muitas baixas no inimigo e nenhuma da nossa parte. Por causa da inclemencia do tempo retirámos a esta povoação hespanhola (Esculquera) mas d'aqui seguimos tambem para Chaves. Tranquilisa a familia, etc.»

No mesmo dia 10, o boletim oficial a que acima nos referimos, consignava :

«A coluna do glorioso capitão Paiva Couceiro, ao contrario do que se



Guarda avançada de caçadores 3 a caminho de Montalegre

gos, que retiraram novamente sobre Bragança (?). Os monarquicos tiveram um ferido, o filho do marquez de Abrantes.»

Uma carta do conspirador Avelino Teixeira de Andrade dirigida ao seu amigo Eduardo Valdez Pinto da Cunha, carta apreendida no dia 10, em Pinheiro Velho, narrava:

«Já fizemos a primeira incursão no nosso paiz. No dia 5 de outubro proclamámos solenemente

tem espalhado, continúa em Portugal, onde não sustenta combates, embora o inimigo esteja a pequena distancia do acampamento. É verdadeiramente comovedora a confiança e alegria do exercito revolucionario que conta os combates já travados por vitórias. São absolutamente inexatas as noticias, que circulam na imprensa, de deserções na coluna. Todos se mantem unidos em volta do prestigioso caudilho monarchico portu-guez».

Ainda podíamos transcre-



1—Vista de Montalegre 2—O governador Civil de Vila Real e tres officaes de estado-maior

ver outros documentos para evidenciar que a aventura realista se prodigalisou, ato continuo ao recontro de Cazares, em auto-felicitações pelos resultados obtidos. Basta-nos, porém, rematar com as proprias palavras de Paiva Couceiro que um jornalista galego recolheu em Verin:

—Estou satisfeito com a primeira parte da campanha. Fui recebido em Portugal com um entusiasmo delirante: eu e quantos ali me acompanharam...

E em tom de modestia:

—Esse entusiasmo devo atribuil-o ás

esperanças que a minha historia militar faz alimentar de que a patria portugueza será libertada de quem, em nome da liberdade, a tiranisa. Ah! se tivesse espingardas, garantilhe que passaria de dez mil o nume-

ro de combatentes a meu lado. Na coluna todos se comprometeram a ir até o fim. Agora aguardo os acontecimentos. Não sou, em boa verdade, um chefe; sou, simplesmente, um soldado e enquanto dispuzer d'um homem e d'um cartucho, não largarei de mão a empreza de salvar Portugal!...

Reentrados os conspiradores em Hespanha, Paiva Couceiro foi á povoação de Mesquita receber uma importante quantia para pagamento de uma quinzena de soldo e seguiu ao longo da raia até uma localidade hespanhola







A chegada da cavalaria  
a Montalegre

fronteira de Chaves, para onde convocou mais tarde os officiaes do seu estado maior. O grosso das forças realistas que de Pinheiro Velho passára immediatamente a Esculquera dispersou-se em pequenos bandos, que nos dias 8, 9 e 10 de outubro se deslocaram em direção a Segezei, justamente na linha da fronteira, parecendo espreitar o ensejo d'uma nova incursão. Nessa altura, Vinhaes já contava com uma guarnição mixta totalisa-



da em 500 homens. Bragança era defendida pela coluna, também mixta, que saíra do Porto na manhã de 6 e ao norte de Tuizelo, manobrava a coluna do 24, comandada pelo major Domingos Peres. Em Chaves esperava ordens outra coluna mixta. Concretizando: na região ameaçada pelos incursores operavam mais de 2.000 homens de infantaria, cavalaria e artilharia. No dia 11, houve o rebate da segunda tentativa realista.

(Continúa).



O castelo de Montalegre

(Clichés de Benolle)

O PRESIDENTE DA REPUBLICA NA  
SOCIIDADE PROTECTORA DOS ANIMAES.



1—O Presidente da Republica com os corpos gerentes da Associação 2 e 3—Aspectos do museu — (Cliches Benoitte)

bocas dos cavalos, todo um arsenal barbaro, todo um quadro miseravel da maldade humana. Foi este museu que o presidente da Republica visitou, inscrevendo-se como socio d'aquella prestimosa sociedade.



A Associação Protetora dos Animaes inaugurou na sua nova séde um museu composto por todos os instrumentos usados pelos carroceiros para torturarem os pobres animaes. Aparecem ali verdadeiras monstruosidades co.no são chicotes feitos de correntes de ferro, lanças de carros cheias de pregos, agulhadas com enormes espigões, freios amarrados por arames e que feriam as

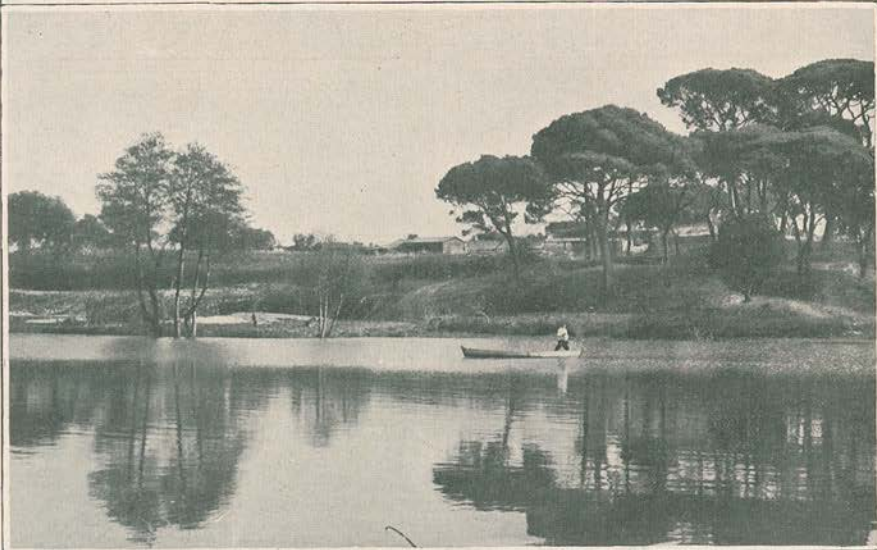




# FOTOGRAFIA ARTISTICA



1—O Zé Morgado 2—O rebenfar de uma onda (em S. Pedro de Muel) 3—De manhã: Caminho do lugar de Fontes



(—Campos do Amôr 2—Um poente em S. Pedro de Muel

Mais uma vez reproduzimos nas paginas da *Ilustração Portuguesa* trabalhos de fotografia artistica por todos os motivos dignos de se tornarem conhecidos.

Distintos amadores, como o autor d'estes clichés, o sr. João de Magalhães, conseguiram tornar em quadrinhos excelentes as ba-

nalidades da fotografia. Em vez da linha rigida, a sombra e o claro escuro; em vez da simples reprodução alguma cousa de intenso, de belo, de vivo.

Portugal conta entre os dedicados cultores d'este genero de fotografia verdadeiros apaixonados que já teem realizado trabalhos





singulares como se viu na exposição feita no salão d'esta revista e na qual apresentaram os mais esplendidos clichés artísticos os srs. dr. Anibal Betencourt, dr. Lopes Vieira, Julio Worm D. Maria Magalhães e outros que deixaram arquivados nas paginas da *Ilustração Portuguesa* trechos encantadores de paizagem, marinhas, nuvens e até figuras cheias de expressão e cheias d'um grande cunho d'arte.

Entre os mais devotados amadores d'esta arte está o sr. João de Magalhães autor dos excellentes clichés que reproduzimos.



1—O Zé Morgado  
2—Pôr do Sol





# OS GRANDES EXITOS THEATRAES A PEÇA "OS 20.000 DOLLARS" NO THEATRO NACIONAL



- 1—Uma cena do 1.º acto
- 2— Uma cena do 2.º ato da peça  
—Os 20.000 dollars.
- 3—O final da peça

O Teatro Nacional abriu com a peça *Vinte mil dollars*, uma obra de fantasia do moderno genero explorado por toda a parte e onde a aventura entretém os espetadores. Foi bem escolhida a peça que tem dado um



grande numero de representações e emfim feito encher a platea d'aquelle teatro durante tanto tempo deserta.

A empresa vae explorar trabalhos a *frisson*, obras do genero *Grand Guignol*, que serão traduzidas por alguns dos primeiros tradutores portuguezes e tambem sem duvida, a gerencia do teatro Nacional porá em cena peças portuguezas o que será uma afirmação condigna com o titulo do teatro e no qual se demonstrará a vontade que os artistas ali associados sempre tiveram em erguer a arte nacional.





# ARTES E LETRAS

Da melhor, da mais sã literatura que se vem fazendo desde ha anos em Portugal são os livros virtuosamente belos d'esta senhora illustre a todos os respeito, em volta dos quaes não se tem levantado na imprensa o clamor de aplausos que, um a um, os deveria ter saudado. Livros em que se aprende a ser justo, a ser util, a ser bom, escritos n'uma linguagem tão clara e pura como a honesta, a austera inspiração que lhes deu o ser. os livros de D. Virginia de Castro e Almeida deveriam a estas horas andar em todas as mãos da adolescencia, como

os metodos de uma pedagogia moral—infelizmente ainda por crear entre tanta coisa util que todos os dias a fecundidade official está dando á luz. *A Fé*, assim se chama a nova obra da escritora benemerita, obedece aos mesmos principios de catequese moralista da *Terra Bem-dito*. A tecnica da romancista n'ele se evidencia, porém, mais segura que nos precedentes romances, todos tão belos, tão consoladoramente apaziguadores, de tão seguro conselho e de tão pura doutrina. Chegam na hora propicia esses romances honestos, em que a virtude não comprometeu o encanto literario e que todos se lêem com o mais palpitante interesse. *A Fé* um livro para guardar depois de lido. Revela-o aos leitores não é só fazer justiça a quem o escreveu. E' praticar uma boa ação.

D. Virginia de Castro e Almeida



A orquestra de 70 executantes regida pelo maestro P. Blanch que se exhibiu em 27 de novembro no teatro da Republica vindo-se ao centro o illustre pianista Viana da Mota que tocou alguns trechos ao piano



Em edição da livraria Portuense, acaba de publicar o poeta brasileiro Anibal Teófilo, com o titulo modesto de *Rimas*, um livro em que o lirismo exuberante de poesia brasileira se adapta a uma linguagem castiçamente portugueza, que lhe da um relevo singular. D'este livro encantador, todo elle trespassado do mais doce sentimento, são estas sextilhas lapidas:



O illustre poeta brasileiro Anibal Teófilo

Tanto para mim nasceste,  
Tanto para vós nasci  
Que, apenas me conhecestes,  
Ao meu amor vos rendestes,  
No momento em que vos vi,  
Vosso escravo me senti.

Inda mais: — tristonho andava,  
Sem nada me esclarecer  
De tudo me interrogava...  
E' que eu já vos esperava,  
Ansioso e sem o saber,  
Antes de vos conhecer.

Portugal desconhece na sua quasi totalidade a fecunda produção literaria do Brazil contemporaneo. Esse desconhecimento nos tem privado de seguir a evolução do nacionalismo para o classicismo, que caracteriza a obra dos grandes escritores brasileiros d'estes ultimos vinte anos, entre os quaes fulgura esse homem de genio que se chamou Euclides da Cunha, cuja obra capital *O Sertão*, terá de ser considerado como um dos maiores monumentos da lingua portugueza.

# OS QUADROS VIVOS DO SARAU DE S. CARLOS

Algumas senhoras da nossa melhor sociedade realizaram em 25 de novembro, no teatro de S. Carlos, um beneficio a favor do fundo permanente de defeza naval. Foi um intuito bem patriotico que essas distintissimas damas demonstraram com a sua encantadoura festa.

Os quadros animados foram d'um excelente efeito reproduzindo a sr.<sup>a</sup> D. Alice Bettencourt a *Laiteuse de Gruze*, a sr.<sup>a</sup> D. Lilia Gomes a *Oiseau Mort* do mesmo autor, a sr.<sup>a</sup> D. Ester Leão Regalo a *Duqueza de Devonshire* de Ganisbrough, e a sr.<sup>a</sup> D. Phedra

- 1—A sr.<sup>a</sup> D. Lilia Gomes no quadro *L'oiseau Mort*
- 2—Sr.<sup>a</sup> D. Ester Leão Regalo na «*Duqueza de Devonshire*»
- 3—As sr.<sup>as</sup> D. Natyvidade Ximenez e D. Lilia de Azevedo Gomes, na peça «*Rosas de Todo o Ano*»







1—O quadro de costumes holandeses, pelas srs. D. Regina Athias, D. Alice, D. Betencourt, D. Ana Brum dos Santos, D. Adelaide Joyce e D. Elisa Sart



2—O quadro de costumes portugueses, pelas sr.<sup>as</sup> D. Maria Marques, D. Alda de Brito, D. Maria Domingues e D. Maria Amélia Shirley



Leão a *Robinson*. Os quadros de costumes portugueses foram interpretados pelas sr.<sup>as</sup> D. Maria Marques, D. Alda Brito, D. Maria Domingues e D. Maria Shirley. Representou-se também a peça *Rosas de todo o anno* e fazendo-se varios quadros de costumes holandezes, japonezes e napolitanos que o cenografo Augusto Pina acertadamente poz em cena e que foram d'um lindissimo efeito. (Clichés de Benoliel).



- 1—O quadro de costumes japonezes, pelas sr.<sup>as</sup> D. Ester Leão Regalo, D. Phedra Leão, D. Adetina Shirley, D. Ilylia Azevedo Gomes.  
 2—O quadro de costumes napolitanos: pelas sr.<sup>as</sup> D. Estefania Barreto, D. Maria Macieira, D. Palmira Dias e Regira Brito.  
 4—D. Alice na «Laitense» de Greuze



# HERNIADO 30 ANNOS

Cura maravilhosa de um bem conhecido lisbonense

Só em saber-se que existe a cura da hernia, e uma grande fortuna.

Alguma gente julga que só um medico com uma navalha e uma agulha poderá cerrar uma hernia.



SR. EDUARDO ROSA

Porem a experiencia do III.<sup>mo</sup> Sr. Eduardo Rosa, morador em Lisboa, Rua da Magdalena, 31, (Typographia), herniado durante 30 annos, anniquila por completo esta theoria. Ha um especialista em Londres que descobriu um maravilhoso methodo de tratamento, que não só reme qualquer especie de hernia, mas tambem obriga os musculos a desenvolverem-se. O Sr. Rosa sciente d'isso, immediatamente experimentou. Os resultados foram admiraveis.

Apesar de herniado por 30 annos, o Sr. Eduardo Rosa começou immediatamente a tratar-se e conseguiu uma perfeita e radical cura num diminuto espaço de tempo. Hoje encontra-se completamente restabelecido e sem o menor traço de hernia.

O Sr. Rosa é um d'entre os milhares de curados por este maravilhoso methodo, que é a descoberta do Dr. W. S. Rice, um dos mais afamados especialistas do mundo. Dr. Rice acaba de fazer a edição de um livro illustrado sobre este assumpto, e o qual elle enviara gratuitamente a todos que o pedirem, para que não se julgue que a hernia é incuravel. A cura por meio d'este methodo faz-se sem dor, perigo, operação ou necessidade de suspender o trabalho. Um methodo que vale bem a pena investigar. Escrevam-lhe hoje mesmo, pedindo o livro gratuito, que exprime claramente o methodo de cura, e é de todo o valor para os herniados, ou para os que tem amigos herniados. Endereço:—Dr. W. S. RICE (S. 823), 8 & 9, Stonecutter Street, Londres, E. C., England.

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa

## MADAME Brouillard



Diz o passado e a presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroz, d'Arpennigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, e nde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. É aia portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite, em sua gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-luza)—LISBOA.

Consultas a \$1000 rs., \$2500 e \$5000 rs.

### COMPANHIA DO

# Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

<b>CAPITAL:</b>	
Acções.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva de amortização.....	266.400\$000
Res....	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marliana e Sobrerinho (Thomar), Penedo e Casal de Herminio (Louza), Valle Maior (Albergaria-a-Velha), installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispozo dos machinismos mais aperfeicozados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes fornec e publicações portoguezas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS  
 LISBOA—270, Rua da Princeza, 276  
 PORTO—43, Rua de Passos Manuel, 51  
 Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: COMPANHIA PRADO. Numero telephonico: Lisboa, 600—Porto, 117.

### PARA ENCADEARNAR A

## Ilustração Portuguesa

Estão á venda bonitas capas em percaline d' fantasia para encadernar o PRIMEIRO SEMESTRE D'ESTE ANO da *Ilustração Portuguesa*. Desenho novo de optimo effeito. Preço 300 reis. Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pode ser remetida em vale do correio ou selos em carta registrada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontispicio respelvo.

## A Seda Suissa E A MELHOR

Peçam as amostras das nossas novidades em preto branco ou cor:

Duchesse, Voile, Setim fle-xivel, Taftetas, Crêpe de Chine, Eolienne, Côtelé, Mous-seline, largura: 120 cm. a partir de 1 fr. 25 c. o metro, Veludo e Pe-luche para vestidos, blusas etc. assim como blusas e vestidos bordados em batiste, lá, linho e seda. Vendemos as nossas sedas garantidas solidas **directamente aos freguezes e francas de porte a domicilio.**

Schweizer & C.<sup>o</sup>  
 Lucerne . 12 (Suissa)  
 Exportação de sedas. Fornecedor da Corte Real

CONSTIPAÇÕES antigas e recalcitas  
 TOSSES  
 BRONCHITES  
 são radicalmente CURADAS  
 PELA

## SOLUÇÃO PAUTAUBERGE

que dá  
**PULMÕES ROBUSTOS**  
 e previne contra a  
**TUBERCULOSE**

PREÇO PARA PORTUGAL: 800 reis o frasco.  
 L. PAUTAUBERGE  
 COURBVOISIE-PARIS  
 e em todas as Pharmacias.

O mais Artistico dos Perfumiers de Suizo O mais Poderoso dos Perfumiers de Francha

Relique d'Amour

**L. LEGRAND**  
 PARFUMERIE ORIZA  
 11 PLACE de LA MADELEINE . PARIS



# MUSEU BIBENDUM V

## QUINTO QUADRO

### TANTO VAE O CANTARO A' FONTE...

Ha bastantes automobilistas que teem pouco cuidædo com os seus pneumaticos, e outros que cuidam d'elles com uma indiscreção cujos resultados não são preferiveis á negligencia.

Se lhes succede rebentar uma camara d'ar, imaginam que a pódem reparar d'um momento para o outro, sem recorrer ao fabricante.

Tentados por um reclame seductor que lhes promete economias sensacionaes, compram um aparelho de vulcanisação, leem com cuidado o prospecto detalhado que o acompanha, e mettem mãos á obra com uma confiança digna de melhor sorte.

Desgraçadamente a boa vontade nem sempre substitue a experiencia, e a maior parte das vezes o resultado obtido é semelhante ao que teve o chauffeur pretencioso que votou a camara d'ar que hoje aqui vêdes ao suplicio d'uma vulcanisação desastrada.



Esse chauffeur sabia que para vulcanisar era necessario aquecer e aqueceu! Só lhe faltava saber até que grau deveria aquecer, e, por ignorar esse pormenor, obteve uma camara d'ar cozida, e tornada quebradiça nos sitios expostos ao calor que ficaram sem nenhuma elasticidade. Tinha feito melhor se nos mandasse a camara d'ar para a reparar-mos.

MICHELIN

N. B. — Bibendum terá a honra de vos apresentar as seguintes peças do seu museu, n'este mesmo logar, na primeira segunda-feira de cada mez.